

REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORAS SOBRE A ESCOLA
NORMAL EM PALMAS DE MONTE ALTO-BAHIA (1970)

Mônica dos Santos Pinto¹
Professora da Educação Básica

Eliana da Silva Santos²
Pedagoga

Joseni Pereira Meira Reis³
Campus XII-UNEB

RESUMO: A presente comunicação visa compreender a partir dos relatos orais de professoras, as representações sociais que construíram sobre a Escola Normal d. Justino Russolillo de Palmas de Monte Alto, identificando as vivências e experiências na instituição em que cursaram o antigo magistério durante a década de 1970. Realizamos o estudo sobre o conceito de representações na perspectiva de Roger Chartier e observamos as dificuldades, os dilemas e as emoções vividas pelas normalistas durante o percurso formativo e de que forma esses elementos impactaram a sua formação. Portanto, o estudo situa-se nas interconexões entre o campo da História da Educação e a formação de professores. Utilizamos a metodologia da história oral, na qual estabelecemos uma rede de depoentes formada por um grupo de seis professoras que estudaram na referida escola, além do diretor e fundador da instituição na época. Os instrumentos de pesquisa foram: entrevistas semiestruturadas e as fontes documentais, como: atas, caderno de registros e fotografias, bem como relato de memorialista local. As interpretações e análises dos dados foram feitas mediante a análise de conteúdo na modalidade temática. Portanto, esta pesquisa tem o intuito de aprofundar a produção de estudos sobre a Escola Normal a partir da história de vida de professores e contribuir com a ampliação das discussões sobre as representações de Escola de formação de professores.

Palavras-Chave: Escola Normal. Formação de professoras. Representações.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no termo Escola Normal, logo recorreremos à formação de professores cujo objetivo é atuarem no ensino primário. Quanto à constituição das escolas normais no Brasil, Louro (2000, p. 449) nos informa que, “ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar”. Posto isso, Saviani (2009) esclarece que a criação dessas escolas, no

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Professora da rede municipal de Luís Eduardo Magalhães-Bahia. E-mail: monicapma25@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); pós-graduada em Educação Infantil e Letramento: Jogos e Brincadeiras; Língua Portuguesa: Leitura e produção de textos, dos pressupostos linguísticos às implicações pedagógicas e Gestão escolar pela Faculdade Patrocínio (FAP). E-mail: elliana199@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora do Campus XII-UNEB; Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Cultura escrita (FAE-UFMG) e do NEPE Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire, Campus XII-UNEB. E-mail: jpreis@uneb.br

mundo moderno, esteve ligada ao processo de secularização e extensão da instrução primária a todas as camadas da população.

Este estudo nos permite reconstruir aspectos da história da educação na nossa região, especialmente da formação de professoras, visto que em 1970 ocorre a instalação do curso na cidade Palmas de Monte Alto. Anteriormente a essa data, as estudantes interessadas em dar continuidade aos estudos tinham que se deslocar para cidades circunvizinhas. Nesse processo é relevante entender os avanços, os embates e os retrocessos presentes naquele contexto que interferiram no processo formativo. Entendemos ainda a relevância social da temática da formação de professores como classe social, a concepção de *status* que a profissão assumiu na sociedade local naquele momento e sua valorização.

OBJETIVOS

Compreender, a partir dos relatos orais das professoras, as representações que elas construíram sobre o seu processo formativo na Escola Normal de Palmas de Monte Alto, onde cursaram o antigo magistério durante a década de 1970, bem como as práticas pedagógicas e culturais que eram desenvolvidas pela escola nesse período.

METODOLOGIA

Para reconstituir as representações das professoras, definimos a rede de depoentes a partir de indicações de pessoas que estudaram na Escola nesse período. Após definir o grupo, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e por ele aprovado. Nesse estudo as depoentes são identificadas por nomes fictícios. Sendo assim, utilizamos os relatos orais na linha da história, que, de acordo com Fonseca (1997), é o ato em que o narrador é o sujeito e o personagem da história, e o modo de narrar e registrar é a passagem do oral para o escrito, faz parte da história que está sendo construída pelo narrador e pelo historiador/ouvinte, o qual não se interessa pela comprovação ou objetividade das informações, mas sim pela significação e representação dos fatos narrados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender as representações construídas pelas normalistas, recorreremos a Chartier, o qual relata que a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Para o autor, a ideia de

representação não é analisada de forma plena, na sua totalidade, ele considera que as representações são elaboradas socialmente e, mesmo que tragam em si fundamento de razão, são sempre voltadas aos interesses de quem às narra. Entende-se que as representações traduzem as posições e interesses do indivíduo, visto que ele descreve a “sociedade tal como pensa que ela é, ou como gostaria que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19).

Os estudos de Chamon (2005), Fonseca (1997) e Pimenta (1997) destacam que no Brasil a atuação das mulheres na sala de aula, ocorre com a ampliação da formação do magistério primário que se acentua a partir dos anos 30 do século XX, em decorrência da própria expansão da escolaridade primária no contexto das profundas transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram no país, especialmente com o movimento educacional dos pioneiros da educação nova.

Nesse processo, a feminização do magistério também se apresentava como questão de poder, além de ser uma “missão digna para mulheres oriundas dos segmentos economicamente favorecidos da sociedade e cuja característica marcante era a extensão do lar, do papel de mãe e coerente com o de esposa” (PIMENTA, 1997. p. 29).

Segundo Pimenta (1997), a profissão estava associada à missão de ser mãe porque o instinto maternal, revelado em carinho, amor, paciência, compreensão, docilidade, estaria ligado à personalidade das normalistas. Além disso, poucas mulheres poderiam exercer a profissão, pois a situação econômica era uma questão predominante, só estudavam aquelas que tinham dinheiro, que eram oriundas de classe média.

Além dessa perspectiva, a compreensão de profissão adequada para mulheres se acentuava como uma “educação feminina que não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 2000, p. 447). Estudos como o de Louro tomam, também, como referência as relações de gênero, pois fica visível que a trajetória profissional da mulher tem estado em consonância com os papéis atribuídos tradicionalmente ao gênero feminino, ou seja, aqueles extensivos ao lar. Assim, ao focar o estudo nos sujeitos, buscamos recuperar a relevância da formação docente a partir da perspectiva das próprias mulheres, ao destacar quais as marcas e experiências que foram significativas nessa trajetória.

DISCUSSÃO/RESULTADOS

Para realizar a análise dos dados, utilizamos como referencial Bardin (1997). No primeiro momento, realizamos a leitura flutuante, para conhecermos o texto, ou seja, um

contato inicial com as fontes. Em seguida, delimitamos o que seria analisado, a “exploração do material”, neste momento a empiria nos revelou quais eram as categorias que estavam em evidência.

A primeira categoria, formas e motivos de ingresso, revelou que para o grupo investigado, a representação da Escola Normal d. Justino Russolillo está bem viva nas memórias e é permeada de emoções. Assim, as depoentes representaram a entrada no Curso como um sonho, sonho que para muitos era inalcançado, por questões financeiras.

Quanto à inserção no Colégio, as normalistas apresentaram o teste de admissão como elemento principal de ingresso na instituição, considerando que era um estabelecimento particular que demandava um critério de seleção de alunos.

Na categoria relações interpessoais no ambiente escolar, as depoentes foram unânimes em rememorar momentos que enfatizam as relações com os professores, à direção e com os colegas, alguns momentos foram prazerosos e outros menos significativos. Uma das depoentes relata que ser normalista foi o melhor tempo de sua vida, também se recorda da prática escolar de uma professora e das relações amigáveis que foram construídas durante o curso. Nesse sentido, é importante mencionar que as relações interpessoais são indispensáveis para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra com sucesso.

Nas regras de comportamento, especialmente no que tange ao horário, o fardamento e ao respeito para com o professor, elas destacaram que não cumprir as regras estabelecidas pelo colégio era prejudicial, pois quem não as seguisse teria problemas com a direção. Turquesa diz que “tinha que seguir à risca as normas do colégio, você tinha até na sua cadernetinha de diário de notas todas as regras, deveres e direito dos alunos do colégio” (entrevista cedida em 03 de out. 2017). Além disso, as entrevistadas apresentaram o fardamento como um aspecto bastante exigido na escola, ocupava, portanto, centralidade nas práticas da escola.

Na categoria currículo sobressaíram as formas de avaliação e as disciplinas ofertadas no Curso. Percebemos que as disciplinas ofertadas passaram por mudanças e com o passar dos anos algumas disciplinas já não são ofertadas no currículo de formação de professores, como, por exemplo, economia doméstica. Sobre como acontecia a avaliação no Colégio, informaram que era realizada por meio de provas, nas quais os alunos deveriam manter as boas notas com o objetivo de não necessitarem da segunda época, que, segundo as depoentes, era o que acontecia com aqueles que não conseguiam bons resultados durante o ano letivo.

Nas práticas culturais, as narradoras destacavam a religiosidade, lembraram que a educação sempre esteve ligada à religião Católica, até porque, segundo elas, a “escola era de

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Padre”, forma como a escola, também, era conhecida pelos cidadãos montealtenses, como o Colégio do Padre. Todas as depoentes se recordam de que tinham aulas de religião e que essas aulas eram ministradas pelo Pe. João.

O desfile cívico foi outra prática da cultura escolar destacada pelas normalistas; esse momento era significativo para a comunidade local e regional e aguardado com muita ansiedade pelas estudantes. As depoentes apresentaram as festividades dos desfiles cívicos como um dos momentos mais marcantes de sua formação. As representações que as colaboradoras atribuíram às comemorações assumiram significado importante na Semana da Pátria, pois, segundo elas, os desfiles cívicos aconteciam no dia 07 de setembro, sendo aguardados por todos com muita expectativa, tanto pelas escolas que deles participavam, como pela comunidade em geral. Destaca-se ainda, entre as práticas da cultura escolar, a solenidade de formatura, representada pelas ex-normalistas como evento sublime permeado de emoções, pois a data marcava a transição da fase de normalista para a fase de professora.

Quanto às dificuldades e dilemas no percurso formativo, as ex-normalistas relataram que as dificuldades enfrentadas ultrapassavam as questões de ordem financeira, mas envolviam a própria condição de distância dos grandes centros, como, por exemplo, a dificuldade de adquirir alguns livros. Relataram também os gastos com o fardamento, visto que utilizavam fardas específicas para diferentes ocasiões (aulas diárias, educação física, estágio, desfiles, momentos festivos). Nesses momentos as famílias de menor poder aquisitivo e as que possuíam um número considerável de filhas tinham dificuldades para adquirir as respectivas fardas.

Outra categoria analisada foi como era ser mulher na década de 1970 na cidade de Palmas de Monte Alto. E as depoentes comentaram sobre a falta de interesse da família em relação aos estudos das mulheres, visto que parte considerável dos pais ainda via com restrições a educação escolarizada das filhas, diferente da educação do filho. Sobre essa questão, Chamon (2005) destaca que o filho do sexo masculino podia sair para buscar conhecimento, já para as filhas os conhecimentos restringiam-se às habilidades do lar.

Por fim, quanto às preocupações com a atuação profissional após a conclusão do Curso Pedagógico, as ex-normalistas enfatizaram que suas maiores preocupações estavam relacionadas ao medo de não conseguirem uma escola para atuar, e, sobretudo, ao fato de não se sentirem, realmente, preparadas para assumir uma vaga no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas, foi perceptível a importância atribuída à Escola Normal d. Justino Russolillo pelas depoentes em relação às oportunidades obtidas com a chegada da escola no município. Ficou evidente que a partir da formação obtida por meio da instituição, as normalistas tinham mais oportunidade de conseguir espaços de atuação na sociedade e no mercado de trabalho. A fundação da escola representou um marco para o município, pois impulsionou mudanças significativas tanto para a cidade quanto para os cidadãos.

Nas categorias analisadas, pudemos constatar que a representação da Escola Normal permanece bem viva nas memórias das depoentes, permeadas de emoções. Ficou perceptível como as questões de ordem subjetiva estão presentes e interferem no processo formativo. A partir de suas narrativas, as ex-normalistas demonstraram que as formas de ingresso no Curso significavam uma possibilidade de alcançar melhor posição no campo do trabalho, além de adquirir certo status na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica, FCH-FUMEC, 2005.

CHARTIER, Roger. **História cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S. A, 1990.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 451- 481.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n°40, 2009. p. 143-155.